

O PROVISÓRIO QUE QUER SE ETERNIZAR: UMA REFLEXÃO SOBRE “PARÓQUIA”¹

THE PROVISIONAL THAT WANT TO ETERNALIZE: A REFLECTION ON "PARISH"

Romeu Leite Izidório²

Resumo: Desde o início do cristianismo, a paróquia tem sido o modo privilegiado da Igreja se apresentar ao mundo. Por isso, ela precisou e precisa sempre se renovar na ação do Espírito para continuar sendo a comunidade do povo santo do Senhor. Já no Antigo Testamento, encontramos o sentido de paroquialidade na experiência do povo peregrino, que estando no exílio / escravidão ou na terra prometida sabia ser estrangeiro. No Novo Testamento, a consciência de povo peregrino se adapta à eclesialidade daqueles que sabem ser destinados à pátria celeste. Tendo essas noções por base, as primeiras comunidades cristãs se radicalizam como peregrinas e estrangeiras. A partir de então, o vocábulo *παροικία* define a porção da grande *ἐκκλησία*, ou melhor dizendo, a *ἐκκλησία* local, particular e verdadeiramente concreta. Nos dias atuais, percebe-se a necessidade de uma reformulação paroquial, é preciso, mais uma vez, estar em processo de conversão, e é isso que o Documento 100 da CNBB nos propõe.

Palavras-chave: Paróquia [*παροικία*]. Igreja [*ἐκκλησία*]. Reforma.

Abstract: Since the beginning of Christianity, the parish has been the privileged way of the Church to present herself to the world. So she needed and always need to renew herself in the action of the Spirit to remain being the community of the Lord's holy people. In the Old Testament, we find the meaning of parochiality in the experience of the pilgrim people that being in exile / slavery or in the promised land can be abroad. In the New Testament, the conscience of the pilgrim people adapts to the ecclesiality of those who know they are destined to the heavenly homeland. Based on these notions, the first Christian communities radicalized themselves as pilgrims and foreigners. Since then, the word *παροικία* defines the portion of the large *ἐκκλησία*, or rather the *ἐκκλησία* local, private and truly concrete. Nowadays, we see the need for a reformulation parochial, we must, once again, be in the conversion process, and that's what the CNBB's document 100 proposes.

Keywords: Parish [*παροικία*]. Church [*ἐκκλησία*]. Reform.

* * *

1. Introdução

Desde os primórdios, o povo de Deus se percebeu como comunidade que aspira viver fraternalmente a graça de filhos amados e que se amam mutuamente. Verdade é que, nem sempre conseguiu ultrapassar os laços de sangue, de pertença a determinada

¹ Artigo apresentado como requisito para obtenção de título de Bacharel em Teologia.

² Doutor em Teologia Bíblica pela Pontificia Università San Tommaso d'Aquino (Angelicum - Roma). E-mail: peromeu@gmail.com

raça, mas em todo o tempo buscou caminhar com o seu Deus. Quando aquele homem, Abrão, deixou-se conduzir para uma terra nova, ainda que sem seguranças materiais, começava aí um processo que perdura até agora naqueles que, como ele, se fazem obedientes ao chamado vocacional e são encaminhados para onde Deus quiser (cf. Gn 12,1).

Um povo pequeno e frágil, sobrevivente de tantas agruras, vai se percebendo assembleia dos eleitos (קהל יהוה), com missão específica de ser luz para as nações (cf. Is 49,6). Não que tenha sido fácil a caminhada, quantos momentos de desertos, e até mesmo de exílio e escravidão. Aprenderam a ser pobres de YHWH e, quase sempre, puderam afirmar: “a nossa proteção está no nome de YWHW” (cf. Sl 33,20-22; Pv 18,10).

A comunidade, reunida em torno da presença de seu Deus, desenvolveu-se como fraternidade - ainda que frágil e incipiente - e cresceu em sabedoria e graça, forjados no sofrimento e na dor, ao ter que responder pelos erros e pecados, assumidos como consequência do afastamento de seu Senhor e Deus. Esta vivência, ainda que não plena e contínua, fundamenta toda e qualquer possibilidade de existência deste grupo, autodenominado “povo de Deus”.

Na história do povo de Deus, sempre houve os que receberam a árdua vocação para se tornarem porta-vozes de YHWH. Em primeiro lugar, todo o povo foi constituído mensageiro. Como nem todos respondiam positivamente, alguns, dentre eles, foram instituídos como guias desse povo de dura cerviz. Juízes e sacerdotes, condutores da nação. Mas quando nem mesmo os guias permaneciam no caminho, Deus suscitava profetas que chamavam à atenção.

É possível que tenham sido os profetas os primeiros a aceitar plenamente as alianças e, dessa maneira, como voz de Deus, deviam sempre cumprir o mandato: “Grita a plenos pulmões, não te contenhas, levanta a tua voz como trombeta e faze ver ao meu povo a sua transgressão” (Is 58,1). Tudo em vista de um retorno (הַשְׁבִיטָה) aos caminhos do Senhor.

Neste texto, queremos apresentar a “paróquia”, “comunidade de comunidades”, como o paradigma que perpassa toda a história do povo de Deus. Atentaremos para o fato de que, sempre e em todos os tempos, houve tantos modelos quanto necessário. Partiremos do princípio de que não há um padrão único, nem melhor, mas sim, referenciais que se adaptam a realidades específicas, e somente àquelas. Faremos um

percurso bíblico para encontrarmos fundamentos que nos ajudem a compreender as propostas que nossa Igreja apresenta.

O trabalho estará exposto em três capítulos. Um primeiro, que aborda os conceitos de comunidade (paróquia) no Antigo e no Novo Testamento, e no início da Igreja; um segundo, abrangendo aspectos da paróquia na realidade atual; um terceiro, com o *status quaestionis* e as perspectivas de [re]adaptação a partir do Documento 100 da CNBB.

1. Dos primórdios à primeira Igreja

1.1 Definição de Paróquia no Antigo Testamento

Esta palavra, que só aparece no uso linguístico bíblico e eclesiástico, é uma transliteração do substantivo grego *παροικία* (estada ou residência no estrangeiro, exílio), que indicava “o estado, a condição, a sorte de residente, o *viver em país estrangeiro* sem direitos de cidadania e nacionalidade” (SCHMIDT, 1974, 796-797). Pesquisando numa bíblia grega (LXX, septuaginta), descobre-se que o vocábulo aparece quatorze vezes (Esd 8,35; Jt 5,9; Sl 33,5; 54,16; 64,1; 118,54; 119,5; Sb 19,10; Eclo 1,30; 16,8; 29,23; 41,5; Hab 3,16; Lm 2,22)³. Neste contexto, até mesmo o hebreu devoto sentia-se um residente, uma espécie de hóspede por breve tempo. Um peregrino, ainda que habitante estável.

³ Em Esd 8,35, corresponde ao hebraico *גֵּזֵרִים* (cativo, cativo, os deportados ou mudança), e ao latim *transmigratio* (emigração, exílio, cativo, desterro). Já em Jt 5,9 não há correspondência com o hebraico, ficando próximo ao latim *inde* (de lá, dali). No Sl 33,5 (34,5), o hebraico apresenta o vocábulo *מִגֹּרֶה* (medo, temor), e o latim, *tribulatio* (tribulação, tormento). O Sl 54,16 (55,16) traz, em hebraico, o substantivo *מִגֹּר* (morada, habitação, residência), e em latim, *habitaculum* (habitação, morada, o corpo). No Sl 64,1 (65,1), o texto em grego é mais extenso que em hebraico, não havendo correspondência para o termo em questão, a relação com o latim se dá através da palavra *peregrinatio* (viagem ao estrangeiro, estadia no estrangeiro, grande viagem, longa viagem). O Sl 118,54 (119,54) tem, no hebraico, *מִגֹּר*, e no latim, *peregrinatio*. O Sl 119,5 (120,5), é apresentado em hebraico como verbo, *גִּיר* (habitar, residir temporariamente), já em latim, tem-se o substantivo *incolatus* (residência em país estrangeiro). O texto de Sb 19,10 não é contemplado na bíblia em hebraico, tendo correlação ao latim *incolatus*. O Eclo 1,30[34] não é encontrado em hebraico ou latim. Os textos de Eclo 16,8 (16,9); 29,23 (29,30), aparecem no latim correspondendo a *peregrinatio*. Enquanto Eclo 41,5 (41,8), tem, em latim, *domus* (casa, morada, habitação, domicílio). Hab 3,16 traz, no hebraico, o verbo *גִּיר* (assaltar, invadir), e no latim, o verbo *accingo* (armar-se, preparar-se, dispor-se a). E, por fim, Lm 2,22, apresenta o hebraico *מִגֹּרֶה*, e o latim *terreo* (aterrorizar, meter medo, fazer tremer).

1.1.1 Estrangeiro na própria terra

Habitar num país estrangeiro e habitar num país como estrangeiro são duas noções que se fazem presente na vida do povo de Deus. A primeira acepção se dá, principalmente, quando da situação de exílio, de escravidão; já a segunda se torna patente quando da posse da terra prometida, é deles enquanto servos de YHWH, único dono de tudo. É verdade que depois de algum tempo essa ideia começa a esmaecer, torna-se fenômeno passado.

Assim sendo, o ser *πάροικος* (que habita na vizinhança, vizinho de, estrangeiro, forasteiro; aquele que não tem cidadania num país ou cidade, tendo, porém, domicílio estável entre a população autóctone) passa a caracterizar o não hebreu, o forasteiro que é aceito por Israel e que ganha um status de quase cidadão.

O primeiro que, na bíblia, se reconheceu como não detentor de direitos plenos foi Abraão, o qual se apresentou como estrangeiro e peregrino no meio do povo (cf. Gn 23,4). Neste texto de Gênesis, aparecem os dois termos hebraicos que são traduzidos no grego com *πάροικος*, a saber, *גֵר וְתוֹשָׁב* (estrangeiro e peregrino). “*Πάροικος* é, portanto, o estrangeiro *residente*, que tem em Israel obrigações jurídico-sociais precisas, mas permanece sempre o não israelita, diferente dos membros do povo de Deus e dos domiciliados” (SCHMIDT, 1974, 802). Num dos oráculos de Jeremias, até Deus é comparado a um sem direitos plenos, “Esperança de Israel, Iahweh, seu salvador no tempo da desgraça, por que és como estrangeiro [*πάροικος*] na terra, como viajante que passa uma noite?” (Jr 14,8).

A lei prevê que os estrangeiros residentes devem ser protegidos, como o são os israelitas. Se havia uma grande barreira a impedir a plena comunhão cultural para o residente era a circuncisão, porém, até essa situação podia ser remediada, bastava somente que o mesmo pedisse para ser circuncidado e, ao sê-lo, este passava a ter tratamento de um verdadeiro israelita⁴ (cf. SCHMIDT, 1974, 804).

É presumível ter havido uma crescente consciência de equiparação, tanto que a versão grega de Lv 17,3 acrescentou - ao texto hebraico - uma frase que ajuda a

⁴ Tardamente, no tempo dos macabeus, a circuncisão parece ter se tornado, não somente a principal característica, mas aquela obrigatória. Em 1Mc 2,45-46 lê-se: “Matatias e seus companheiros fizeram incursões pelo país, a fim de destruírem os altares e circuncidarem à força todos os meninos incircuncisos que encontrassem pelo território de Israel”.

compreender como o habitante não israelita podia ser visto positivamente: “qualquer homem da casa de Israel ou dos residentes estrangeiros que habitam entre vós (ἢ τῶν προσήλυτων τῶν προσκειμένων ἐν ὑμῖν) que, no acampamento ou fora dele”, equiparando assim o prosélito ao filho de Israel⁵.

Faz-se plausível essa ponderação efetuada em relação ao πάροικος quando se tem em vista que, outrossim, os israelitas já passaram por esta situação, e não por pouco tempo, na terra do Egito e, depois, no exílio babilônico. Lê-se em Lv 25,23 que a terra, ainda que seja propriedade do israelita, não é verdadeiramente sua para que possa dispor dela como objeto de venda perpétua, “pois a terra me pertence e vós sois para mim estrangeiros [προσήλυτος] e hóspedes [πάροικος]”, diz o Senhor.

Nas orações sálmicas também se apresenta a consciência do israelita em relação à terra, como por exemplo em Sl 39(38),13: “Ouve a minha prece, Iahweh, dá ouvido aos meus gritos, não fiques surdo ao meu pranto! Pois sou forasteiro [πάροικος] junto a ti, inquilino [παρεπίδημος] como todos os meus pais”; assim como em Sl 119,19: “Eu sou um estrangeiro [πάροικος] na terra, não escondas de mim teus mandamentos”.

Até mesmo Moisés, quando coloca nome no seu filho, reconhece seu estado de não cidadão no sentido pleno, certa passagem declara: “E ela deu à luz um filho, a quem ele chamou de Gersam, pois disse: ‘Sou um imigrante [πάροικος] em terra estrangeira’” (Êx 2,22; cf. tb. 18,3). Inclusive Davi, em ação de graças, proclama: “Diante de ti não passamos de estrangeiros [πάροικος] e peregrinos [παροικέω] como todos os nossos pais” (1Cr 29,15).

Podemos concluir esse tema do que se sente - ou verdadeiramente é - estrangeiro na própria terra, citando Lv 25,35, onde se diz: “Se teu irmão que vive contigo achar-se em dificuldade e não tiver com que te pagar, tu o sustentarás como a um estrangeiro [προσήλυτος] ou hóspede [πάροικος], e ele viverá contigo”.

⁵ Do mesmo modo, Dt 12,18, quando falando daqueles que habitam na cidade, a versão grega modifica o termo hebraico גֵרִי (e o levita), substituindo-o por καὶ ὁ προσήλυτος (e o residente estrangeiro [prosélito?]), considerando-o como igual. A grande confirmação desta equiparação pode ser encontrada em Ez 47,21-23, onde, tanto na versão grega quanto na hebraica, há algo que demonstra a igualdade entre residentes e filhos de Israel: “Esta será a terra que repartireis entre vós, entre as tribos de Israel. Repartila-eis como herança entre vós e entre os estrangeiros residentes no meio de vós e que geraram filhos no meio de vós. Haveis de tratá-los como os nativos da terra, os israelitas. Convosco receberão por sorte a sua herança, no meio das tribos de Israel. Na tribo, no meio da qual o estrangeiro estiver residindo, aí lhe dareis a sua herança, oráculo do Senhor Iahweh”.

1.2 Definição de Paróquia no Novo Testamento

O substantivo *παροικία* é utilizado somente duas vezes (At 13,17; 1Pd 1,17), sendo citação direta e explícita do Antigo Testamento ou alusão a ele. Em Atos dos Apóstolos, o contexto imediato diz respeito a uma pregação de Paulo diante dos judeus, mostrando o quanto fez por eles seu Deus, mesmo em tempo de exílio (*παροικία*). Já na primeira carta de Pedro, quando somos colocados diante dos requisitos para uma vida nova, é-nos dito que devemos, neste tempo de exílio (*παροικία*), ser imparciais no julgamento, como aquele que chamamos de Pai, que julga a cada um conforme suas obras, imparcialmente.

Os cristãos, principalmente aqueles que vinham do paganismo, deveriam considerar a própria existência de modo novo. Quanto a sua entrada no Reino, definitiva. Quanto ao continuar vivendo aqui na terra, como estrangeiros e peregrinos que se encaixavam no povo santo do Senhor. O povo de Deus agora era o povo seguidor de Jesus Cristo. Se antes havia diferença entre o povo eleito e os outros, daí em diante isso tinha mudado, todo aquele que aceitasse o caminho era nele incorporado. Vê-se um exemplo disso em Ef 2,13-14: “Mas agora, em Cristo Jesus, vós, que outrora estáveis longe, fostes trazidos para perto, pelo sangue de Cristo. Ele é a vossa paz: de ambos os povos fez um só, tendo derrubado o muro de separação e suprimindo em sua carne a inimizade”.

Antevê-se uma mudança fundamental, doravante o povo santo é, ao mesmo tempo, *ἐκκλησία* e *παροικία*. Enquanto *παροικία* (estada ou residência no estrangeiro, exílio), permanece a mesma noção do Antigo Testamento, mas acrescenta-se a esta uma nova mentalidade, a de *ἐκκλησία* (assembleia por convocação, reunião, comunidade, igreja). O que muda é o ponto de vista, se a referência é Deus ou o mundo. Em relação a Deus vive-se numa *ἐκκλησία*, já em relação ao mundo, continua-se vivendo numa *παροικία*. É o grande dilema do “já agora”, ao mesmo tempo, relacionado com o “ainda não”. O cristão, que é em relação ao mundo estrangeiro e forasteiro, torna-se, também, concidadão da família dos santos, como pode-se perceber em Ef 2,19: “Portanto, já não sois estrangeiros e adventícios, mas concidadãos dos santos e membros da família de Deus”.

1.2.1 A Igreja peregrina

Partindo da concepção de peregrinação apresentada pela Carta aos Hebreus, torna-se possível inferir uma percepção particularmente inovadora. Já existia um entendimento tanto de ἐκκλησία quanto de παροιμία, mas não de uma possível coadunação das duas. Embora a Carta não utilize o vocábulo παροιμία, e tenha somente duas vezes a palavra ἐκκλησία (Hb 2,12; 12,23), é perceptível que há rudimentos daquela que será a nova versão do povo eleito do Senhor. Em Hb 13,14 está escrito: “Porque não temos aqui cidade permanente, mas estamos à procura da cidade que está por vir”.

Ser parte da nova congregação eleita era - agora como sempre - assumir a realidade inerente àquela prática. É bem verdade que, mais do que fazer uma escolha de pertencimento, o entrar na assembleia significava ser selecionado pelo próprio Senhor, conforme a intenção apresentada em Jo 15,16: “Não fostes vós que me escolhestes, mas fui eu que vos escolhi”.

Todo novo membro faz parte daqueles que foram vocacionados a participar da ἐκκλησία e, como consequência, que viverão efetivamente uma situação de παροιμία. Não mais por uma concepção de santidade de estilo veterotestamentário que levava à separação para manter-se puro e agradável ao Senhor, mas por causa do ponto de vista recém assumido, onde santidade tinha a ver muito mais com incorporação aos moldes do Cristo, como pode ser apreciado na oração de Jesus retratada em Jo 17,15: “Não peço que os tires do mundo, mas que os guardes do Maligno”. Tudo isso, tendo em vista que pouco antes, Jesus já havia alertado para as consequências dessa inclusão cristã no mundo, ao vaticinar aos discípulos: “Eu lhes dei tua palavra, mas o mundo os odiou, porque não são do mundo, como eu não sou do mundo” (Jo 17,14).

Ser ἐκκλησία tornou-se, obrigatoriamente, pressuposto de vida na παροιμία. O cristão está no mundo que o odeia, incluindo-se neste mundo sem fazer parte integrante dele. Não se afasta nem rejeita, pelo contrário, ilumina e dá sabor, pois sabe que a mudança está às portas (cf. Mt 5,13-16; Ap 3,20). Criando, assim, expectativa de um novo mundo que também já está e ainda não se manifestou plenamente, o Reino de Deus plenificado em Jesus Cristo e prometido aos seus seguidores (cf. Lc 17,20-21).

Pode-se dizer que a missão da Igreja passa pela conformação à situação de peregrina e estrangeira, que vive neste mundo e espera a realização das promessas. Uma espera ativa que identifica os membros seguidores no amor que devem demonstrar uns

para com os outros - sejam estes irmãos de fé ou não - como uma regra de identificação, pois “Nisto reconhecerão todos que sois meus discípulos se tiverdes amor uns pelos outros” (Jo 13,35).

1.2.2 A Igreja cristã no mundo antigo

A Igreja continuou a interpretar-se como *παροικία* também além do Novo Testamento. Quem sabe, com nuances até mais radicais, como pode ser visto em Diogneto 5, os cristãos “Vivem na sua pátria, mas como forasteiros; participam de tudo como cidadãos e suportam tudo como estrangeiros. Toda pátria estrangeira é pátria deles, a cada pátria é estrangeira [...] passam a vida na terra, mas têm sua cidadania no céu”⁶. Mesmo que aqui tenhamos apenas um ideal irrealizável, este deve partir de alguma realidade possível e que deve ser buscada.

Outro exemplo dos primórdios pode vir do martírio de Policarpo. No prefácio lê-se: “a igreja de Deus que reside em Esmirna, à igreja de Deus que reside em Filomelio e a todas as paróquias [*παροικίαι*] que estão em todo lugar da santa e católica igreja”⁷. Aqui se apresenta um divisor de águas, pois, desta vez, o vocábulo *παροικία* é utilizado de modo inusitado, com um desenvolvimento semântico,

[...] se até este momento *παροικία* significava uma condição, um estado do povo de Deus, da igreja do Novo Testamento, de qualquer um ou todo membro desta *ἐκκλησία* e portanto definia esta *ἐκκλησία* como *παροικία*, agora *παροικία* serve de identificação para *ἐκκλησία* no sentido de comunidade local, de forma que, como no Novo Testamento se falava de *ἐκκλησίαι* (cf. Gl 1,22; Ap 1,20), agora se fala das *παροικίαι* da una, ‘santa e católica’ *ἐκκλησία*: com este desenvolvimento semântico *ἐκκλησία* vem, portanto, significar sempre mais somente a igreja universal, e *παροικία* o vocábulo técnico para indicar a comunidade local de tal igreja universal (SCHMIDT, 1974, 828).

⁶ Πατρίδας οἰκοῦσιν ἰδίᾳς, ἀλλ’ ὡς πάροικοι· μετέχουσι πάντων ὡς πολῖται, καὶ πανθ’ ὑπομένουσιν ὡς ξένοι· πᾶσα ξένη πατρίς ἐστὶν αὐτῶν, καὶ πᾶσα πατρίς ξένη. [...] ἐπὶ γῆς διατρίβουσιν, ἀλλ’ ἐν οὐρανῷ πολιτεύονται· (Epistula Ad Diognetum, Epistula ad Diognetum “*A Diognète*, 2nd edn.”, H.–I. MARROU (ed.), Paris: Cerf, 1965 [Sources chrétiennes 33 bis], Chapter 5, section 5, line 1 and Chapter 5, section 9, line 1).

⁷ Ἡ ἐκκλησία τοῦ θεοῦ, ἡ παροικοῦσα Σμύρναν, τῆ ἐκκλησία τοῦ θεοῦ, τῆ παροικούση ἐν Φιλομηλίῳ καὶ πάσαις ταῖς κατὰ πάντα τόπον τῆς ἀγίας καὶ καθολικῆς ἐκκλησίας παροικίαις. (Martyrium Polycarpi, Epistula ecclesiae Smyrnensis de martyrio sancti Polycarpi “*The acts of the Christian martyrs*”, H. MUSURILLO (ed.), Oxford: Clarendon Press, 1972, Chapter pro, section 1, line 3).

Este sentido novo de *παροικία*, como parte da *ἐκκλησία*, se impôs na história e, hoje, quando se fala de paróquia é principalmente, senão unicamente, nesta acepção de comunidade cristã como associação de fiéis que se sentem parte de um único corpo, a Igreja, e que compartilham a mesma fé, o mesmo batismo, o mesmo Senhor e Salvador (cf. Ef 4,4-6).

2. A história continua: uma insatisfação se faz

Como viver a paróquia nos dias atuais é o desafio que precisamos urgentemente encarar. Esse é o pensamento dominante. Mas será que estamos dispostos a nos adaptarmos à nova modalidade de paróquia que deve surgir, ou ainda pretendemos que o modelo paróquia que possuímos permaneça com alguns retoques superficiais?

Discursando para um grupo de bispos da Lombardia, disse-lhes o papa João Paulo II:

Haveis, assim, vós constatado que a importância da paróquia, invés de tender a diminuir, vai notavelmente crescendo e, portanto, a considerais uma ‘linha’ que solicita uma cura particular. O vosso empenho se sintoniza plenamente com as orientações que emergem do magistério da Igreja. É conhecido, de fato, o relevo que o novo Código de direito canônico, trazendo a sua inspiração do Concílio Vaticano II (cf. *Christus Dominus*, 32; *Ecclesiae Sanctae*, I, 21), atribui à paróquia, vendo nesta uma ‘determinada comunidade de fiéis, constituída estavelmente na Igreja particular, e seu cuidado pastoral é confiado ao pároco como a seu pastor próprio, sob a autoridade do bispo diocesano’ (CDC, cân. 515 §1)”. [...] É a paróquia, de fato, que, apesar das variações comportadas pela sua história multimilenar, torna vivo e operante o mistério da Igreja e da sua missão de anúncio de Cristo e de formação do Cristão no quotidiano vivido, sob a guia do próprio pastor ‘enviado’ pelo bispo e em constante comunhão com ele. [...] Na paróquia a Igreja mostra de verdade a maternidade voltada a todos, sem critérios exclusivos de elitismo, e empenhando-se em ser educadora convencida e confiante de cristãos sempre mais abertos ao Espírito⁸.

⁸ “[...] Avete così constatato che l’importanza della parrocchia anziché tendere a diminuire va notevolmente crescendo e perciò la considerate una ‘linea’ che richiede particolare cura. Il vostro impegno si sintonizza pienamente con gli orientamenti che emergono dal magistero della Chiesa. È noto infatti il rilievo che il nuovo Codice di diritto canonico, traendo la sua ispirazione dal Concilio Vaticano II (cf. *Christus Dominus*, 32; *Ecclesiae Sanctae*, I, 21), attribuisce alla parrocchia, vedendo in essa una ‘determinata comunità di fedeli che viene costituita stabilmente nell’ambito di una Chiesa particolare e la cui cura pastorale è affidata, sotto l’autorità del vescovo diocesano, a un parroco quale suo proprio pastore’ (Codex Iuris Canonici, can. 515 § 1). [...] È la parrocchia, infatti, che, pur nelle variazioni comportate dalla sua storia ultramillenaria, rende vivo e operante il mistero della Chiesa e della sua missione di annuncio di Cristo e di formazione del Cristiano nel vissuto quotidiano, sotto la guida del proprio pastore ‘mandato’ dal vescovo e in costante comunione con lui. [...] Nella parrocchia la Chiesa mostra veramente la maternità a tutti rivolta, senza criteri esclusivi di elitarietà, e impegnandosi ad essere

É essa a tendência que deve reger a nova paróquia, ou melhor dizendo, o novo jeito de ser paróquia. A realidade eclesial é sempre mutável no sentido de que ela deve ser sempre uma resposta às necessidades prementes. A Igreja deve aparecer de alguma forma, e o modo privilegiado para revelar-se foi e continua sendo a paróquia.

Uma questão se faz presente neste momento específico da história onde parece não haver barreiras territoriais, ideológicas, culturais... Como ser paróquia nesta globalização? Segundo Guzmán Lecour, “o pensamento da Igreja, em relação ao processo de globalização, passa pelo discernimento de tudo aquilo que favorece, ou não, uma verdadeira unidade, da qual ela mesma dá testemunho para toda a comunidade humana” (LECOUR, 2004, 279). Não é segredo, nem novidade, no entanto, ainda aguardamos que deixe de ser utopia para ser práxis.

Partindo do princípio de que a Igreja se assemelha a um corpo, conforme a visão apresentada por São Paulo⁹, podemos inferir que ela é formada, como o corpo, por componentes essenciais. A agregação destes elementos que a compõem se faz visível na realidade paróquia que, como célula primária e vital da Igreja e da sua missão, vive sempre entre uma condição insubstituível e insuficiente¹⁰. Insubstituível, porque é através dela que a Igreja manifesta o seu rosto; insuficiente, porque responde a realidades concretas, e estas mudam constantemente.

3. Uma visão paroquial a partir do Doc. 100 da CNBB

É muito significativo que já no subtítulo, apareça a frase: “A conversão pastoral da paróquia”. Enquanto fundamentação, essa instituição chamada paróquia pode permanecer com o que já temos, mas, com relação ao modo de vivência dela, precisamos de mudanças significativas. O Doc. 100 aponta a direção ao enfatizar que uma nova paróquia é, necessariamente, uma comunidade de comunidades, que, evangelizada, evangeliza e se mostra testemunha da alegria do Evangelho.

educatrice convinta e fiduciosa di cristiani sempre più aperti allo Spirito” (Discurso di Giovanni Paolo II ai vescovi della Lombardia in visita «Ad Limina Apostolorum», 18/12/1986).

⁹ Cf. 1Cor 12,27; Cl 1,18; Ef 1,22-23.

¹⁰ Cf. PINO SCABINI, *Paróquia*, in: MANLIO SODI; ACHILLE M. TRIACCA (eds.), *Dicionário de Homilética*, São Paulo: Paulus/Loyola, 2010, 1260-1267).

Urge que sejam encontradas luzes para discernir qual a dinâmica que deve gerir o moderno paradigma. Pensa-se num novo ardor missionário, em novas linguagens geradoras e, acima de tudo, na coragem para sair, no sentido mais amplo da palavra. Sair do lugar-comum para se aventurar na força do Espírito que impele à missão.

É através de uma conversão pastoral que se pode haurir lufadas de extraordinária força motriz para tornar-se protagonista de um novo tempo. Para tal, faz-se necessário “que a Igreja se revitalize continuamente no Espírito que se revela nos sinais dos tempos” (CNBB, 2014, p. 19), a fim de que haja verdadeira comunhão que suscite libertação integral.

A nova paróquia será lugar de discípulos missionários que, aculturados na postura evangélica, renovam-se mentalmente e no modo de ação (cf. Rm 12,2; Ef 4,23) para verdadeiramente evangelizar. Assim sendo, tais discípulos missionários inserem-se nos diversos âmbitos da sociedade para testemunhar o Reino de Deus. O sentido comunitário deve perpassar toda a dimensão social para que haja, tanto da parte do que apresenta quanto daquele que recebe, um engajamento que leve à plenitude de uma adesão à vida cristã.

Constata-se “muita energia desperdiçada em manter estruturas que não respondem mais às inquietações atuais” (CNBB, 2014, p. 31). Não que se deva abominar aquilo que se tem como modelo e prática paroquial, todavia “somos chamados a anunciar Jesus Cristo em linguagem acessível e atual” (CNBB, 2014, p. 31). Quando, depois de muita labuta, há a constatação de uma defasagem, ou, até mesmo, de uma ineficácia do trabalho pastoral, tanto leigos quanto pastores - principalmente estes - tendem a desanimar. Isso leva alguns a assentar de modo veemente: “Resignação e frustração são sentimentos disseminados no clero, sobretudo entre os membros mais ativos. Muitos se sentem ignorados em suas necessidades e sofrem com a incapacidade de a Igreja realizar reformas” (KÜNG, 2012, 28).

Para fazer o processo de conversão de modo maduro e consequente, é preciso retomar as velhas utopias, os sonhos daqueles que nos precederam, principalmente as primeiras comunidades, como relatado nos Atos dos Apóstolos. Como grande exemplo de radicalidade pode-se fazer menção do texto: “Eles mostravam-se assíduos ao ensinamento dos apóstolos, à comunhão fraterna, à fração do pão e às orações. [...] Todos os que tinham abraçado a fé reuniam-se e punham tudo em comum.” (At 2,42.44). Uma conversão, ao mesmo tempo pessoal e comunitária, não em vista de uma

modernização da Igreja, “mas para buscar mais fidelidade ao que Jesus quer da sua comunidade” (CNBB, 2014, p.36).

Seguindo diretrizes do Doc. 100 a respeito da “comunidade de Jesus na perspectiva do Reino de Deus”, pode-se inferir que toda comunidade paroquial deve nascer ao redor de Jesus, como comunidade de discípulos missionários que aprendem com ele a viver: na comunhão, percebendo que todos são irmãos; na igualdade de dignidade, onde todos encontram a unidade em Cristo; na partilha dos bens, em vista do bem comum; na amizade, de quem conhece e é conhecido; no serviço, como nova forma de entender o poder; no perdão, marca maior da comunidade; na oração comum, que os une; e na alegria, pela chegada do Reino de Deus e da salvação que se aproxima. (cf. CNBB, 2014, p. 40-42).

Ainda sobre o Doc. 100, para compreender a nova visão de paróquia, tem-se quatro recomendações que Jesus deixou para seus discípulos e que ajudam a renovar-se na mentalidade e no espírito da nova paróquia: hospitalidade, partilha, comunhão de mesa e acolhida dos excluídos. Seguindo essas recomendações, desenvolve-se o processo de renovação pessoal e comunitária que levará à estruturação da realidade esperada, uma paróquia que corresponda aos novos tempos e que responda aos profundos anseios. “O Reino de Deus implica sempre uma nova maneira de viver e conviver, nascida da Boa-Nova que Jesus anunciou” (CNBB, 2014, p. 42-43).

4. Considerações finais

O intento desse opúsculo foi refletir sobre a realidade «paróquia» e a possibilidade de haver uma renovação de suas estruturas. Para tal apresentamos o como ela foi reproduzida na mentalidade da Sagrada Escritura, com aceno para a apropriação da sua estrutura pelas primeiras comunidades cristãs e, como a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, seguindo os passos do Concílio Vaticano II, tornou documental a necessidade de uma “conversão pastoral da paróquia” em vista de que ela se torne verdadeiramente uma “comunidade de comunidades”.

Na carta pastoral “Paróquia, torna-te o que tu és”, dirigida à Arquidiocese de São Paulo, em fevereiro de 2011, o Sr. Arcebispo Dom Odilo Pedro, cardeal Scherer, como que antecipou aquilo que se tornaria em 2014 um documento da CNBB.

Queremos neste momento apresentar três trechos da referida carta que nos ajudam a rematar este estudo. Diz ele: “A paróquia é, na expressão local e concreta,

aquilo que a Igreja é no seu todo. [...] Ela é o rosto mais visível e concreto do Ministério da Igreja, ‘sacramento da salvação’ no mundo; é uma comunidade de batizados, congregados em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, vivendo a fé, a esperança e a caridade. [...] Ela é a ‘casa de Deus’ no meio das casas dos homens, templo de Deus edificado com pedras vivas, que são todos os batizados” (SCHERER, 2011, 5 e 7).

Concluamos dispondo nossas ideias através do aforismo «ecclesia semper reformanda est», o qual precisa ser compreendido através do olhar criterioso do Concílio Vaticano II, que na *Lumen Gentium* afirma:

[...] E ao caminhar por entre as tentações e as provas, ela é fortalecida pelo conforto da graça de Deus, que o Senhor lhe prometera, para que, na fraqueza da carne, se não afaste da fidelidade perfeita, mas se conserve sempre como esposa digna do seu Senhor e nunca deixe de renovar-se pela ação do Espírito Santo, até que, pela cruz, atinja aquela luz que não conhece ocaso. (LG, 9).

Esta Igreja, paroquial por excelência, propiciadora de salvação - renovando-se no mover do Espírito - propiciadora de encontros pessoais com Deus nos irmãos, viverá sempre em constante adequação, para que a realidade do Reino, por ela apresentada, transforme a vida de todo aquele que se deixe tocar pela ação de Deus.

Não obstante, para que a utopia tenha seu lugar, “A paróquia atual tem a tarefa de superar a postura burocrática, desanimada e estática para fazer resplandecer a Igreja como mistério, Povo de Deus a caminho” (CNBB, 2014, p. 133).

Como palavras finais, deixemos que o próprio Doc. 100 forneça material para apreciação provocativa: “A conversão paroquial exige uma renovação espiritual e pastoral que se expressa na nova evangelização” (CNBB, 2014, p. 136). Amém.

Referências

- CNBB, *Comunidade de comunidades: uma nova paróquia. A conversão pastoral da paróquia*, doc. 100, Brasília: Edições CNBB, 2014.
- LUMEN GENTIUM, *Constituição Dogmática sobre a Igreja*, in: *Documentos do concílio Ecumênico Vaticano II*, São Paulo: Paulus, 2001.
- GORGULHO, G. DA S.; STORNILOLO, I.; ANDERSON, A. F. (eds.), *Bíblia de Jerusalém* (nova edição, revista e ampliada), São Paulo: Paulus, 2002.
- CARRIQUIRY LECOUR, G. M., *Uma aposta pela América Latina; memória e destino histórico de um continente*, São Paulo: Paulus, 2004.
- HARRIS, R. L.; ARCHER JR., G. L.; WALTKE, B. K. (eds.), *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*, São Paulo: Vida Nova, 1998.

- JOÃO PAULO II, *Discorso di Giovanni Paolo II ai vescovi della Lombardia in visita «Ad Limina Apostolorum»*, in: http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/it/speeches/1986/december/documents/hf_jp-ii_spe_19861218_vescovi-lombardia.html (acessado em 4/8/2015).
- KÜNG, H., *A igreja tem salvação?*, São Paulo: Paulus, 2012.
- MARROU, H.-I. (ed.), *A Diognète*, 2nd edn., (Epistula Ad Diognetum, Epistula ad Diognetum [1350: 001]), Paris: Cerf, 1965 [Sources chrétiennes 33 bis].
- MALHADAS, D.; DEZOTTI, M. C. C.; NEVES, M. H. DE M. (eds.), *Dicionário grego-português (DGP)*, 5 vols., Cotia: Ateliê Editorial, 2006-2010.
- MUSURILLO, H. (ed.), *The acts of the Christian martyrs* (Martyrium Polycarpi, Epistula ecclesiae Smyrnensis de martyrio sancti Polycarpi [1484: 001]), Oxford: Clarendon Press, 1972.
- RAHLFS, A. (ed.), *Septuaginta* (id est Vetus Testamentum graece iuxta LXX interpretes), Stuttgart: Deutsch Bibelgesellschaft, 1979.
- SCHERER, O. P., *Paróquia, torna-te o que tu és* [Carta Pastoral à Arquidiocese de São Paulo], São Paulo: Secretariado Arquidiocesano de Pastoral, 2011.
- SCHMIDT, M. A.; SCHMIDT, K. L., πάροικος, παροικία, in: KITTEL, G; FRIEDRICH, G (eds.), *Grande Lessico del Nuovo Testamento*, vol. IX, Brescia: Paideia, 1974.